



Revista Affectio Societatis
Departamento de Psicoanálisis
Universidad de Antioquia
revistaaffectiosocietatis@udea.edu.co
ISSN (versión electrónica): 0123-8884
Colombia

Tipo de documento: Artículo de Investigación

2022

Milena da Rosa Silva, Júlia Avila Kessler, Carolina Rolim Sartoretto & Andrea Gabriela Ferrari

Desamparo em relatos: mulheres que são mães na pandemia de COVID-19

Revista Affectio Societatis, Vol. 19, N.º 37, julio-diciembre de 2022

Art. # 9 (pp. 1-22)

Departamento de Psicoanálisis, Universidad de Antioquia
Medellín, Colombia

ARTÍCULO DE INVESTIGACIÓN



DESAMPARO EM RELATOS: MULHERES QUE SÃO MÃES NA PANDEMIA DE COVID-19

Milena da Rosa Silva¹

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

milenarsilva@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-1063-4149>

Júlia Avila Kessler²

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

juliaakessler@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-1239-1160>

Carolina Rolim Sartoretto³

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

carolina.rolim.sartoretto@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-3960-2717>

Andrea Gabriela Ferrari⁴

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

ferrari.ag@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-4262-3033>

DOI: <https://doi.org/10.17533/udea.affs.v19n37a11>

-
- 1 Psicóloga. Possui Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento e Doutorado em Psicologia pela UFRGS. Professora Associada do Departamento de Psicanálise e Psicopatologia do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).
 - 2 Graduanda em Psicologia pela UFRGS em mobilidade acadêmica na Université Paris Cité (Paris Diderot/Paris VII) - Institut Humanités, Sciences et Sociétés: Département Etudes Psychanalytiques.
 - 3 Graduanda em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Bolsista voluntária do Núcleo de Estudos em Psicanálise e Infâncias (NEPIS).
 - 4 Psicóloga. Possui Mestrado em Psicologia Clínica – PUC-RS e Doutorado em Psicologia do Desenvolvimento – UFRGS. Professora Associada do Departamento de Psicanálise e Psicopatologia do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Resumo

O presente trabalho discute a questão do desamparo a partir de relatos de mulheres que são mães no contexto de distanciamento social provocado pela pandemia de COVID-19. Com base na psicanálise, realizou-se a leitura de 342 relatos, produzidos por mulheres convidadas via redes sociais, e uma revisão narrativa de literatura sobre o tema do desamparo, visando a articular os relatos com as reflexões teóricas.

Destacou-se que a pandemia acarretou a essas mulheres se encontrarem intensamente sozinhas, sem ajuda e sem recursos. O desamparo e, inclusive, o desalento parecem ser elementos fundamentais para analisar a situação das mulheres que são mães no contexto de COVID-19 no Brasil.

Palavras-chave: psicanálise, desamparo, pandemia COVID-19, maternidade.

EL DESAMPARO EN RELATOS: MUJERES QUE SON MADRES EN LA PANDEMIA DE COVID-19

Resumen

El presente artículo aborda la cuestión del desamparo a partir de los relatos de mujeres que son madres en el contexto del distanciamiento social provocado por la pandemia del COVID-19. Con una base psicoanalítica, se realizó la lectura de 342 relatos, elaborados por mujeres que fueron contactadas a través de las redes sociales, y una revisión narrativa de la literatura sobre el tema del desamparo, con el objetivo de articular los relatos con reflexio-

nes teóricas. Se evidenció que la pandemia provocó que estas mujeres se encontraran profundamente solas, sin ayuda y sin recursos. El desamparo e incluso el desánimo parecen ser elementos clave para analizar la situación de las mujeres que son madres en el contexto del COVID-19 en Brasil.

Palabras clave: psicoanálisis, desamparo, pandemia de COVID-19, maternidad.

ABANDONMENT NARRATIVES: WOMEN WHO ARE MOTHERS IN THE COVID-19 PANDEMIC

Abstract

This paper addresses the problem of abandonment based on narratives of

women who are mothers in the context of the social distancing caused

by the COVID-19 pandemic. With a psychoanalytical basis, the reading of 342 accounts produced by women invited via social networks and a narrative review of the literature on abandonment were carried out. The aim was to articulate the narratives and the theoretical reflections. It was noted that the pandemic led these women to find themselves intensely

alone, helpless, and without resources. Therefore, abandonment and even dejection seem to be the essential elements for analyzing the situation of women who are mothers in the context of COVID-19 in Brazil.

Keywords: psychoanalysis, abandonment, pandemic, COVID-19, maternity.

LA DÉTRESSE DANS LES RÉCITS : DES MÈRES DANS LA PANDÉMIE DE LA COVID-19

Résumé

Cet article aborde la question de la détresse à partir de récits de mères dans le contexte de la distanciation sociale engendrée par la pandémie de la COVID-19. Sur une base psychanalytique, nous avons d'un côté effectué la lecture de 342 récits, produits par des femmes invitées à travers des réseaux sociaux, et passé en revue la littérature sur la question de la détresse de l'autre côté, dans le but d'articu-

ler les récits avec les réflexions théoriques. Il en ressort que la pandémie a conduit ces femmes à une profonde solitude, sans aide ni ressources. La détresse, voire le découragement, semblent être les éléments clés pour analyser la situation des mères dans le contexte de la COVID-19 au Brésil.

Mots-clés : psychanalyse, détresse, pandémie de la COVID-19, maternité.

Recibido: 26/08/2022 • Aprobado: 14/12/2022

Introdução⁵

Desde março de 2020, o mundo enfrenta a pandemia de Coronavirus Disease 2019 (COVID-19⁶), a partir da qual se passou a conviver diariamente com um risco iminente de adoecimento e morte e se fez necessária a adoção de medidas de distanciamento social a fim de minimizar a propagação viral. Tornou-se providencial fechar escolas, comércios e diversos outros estabelecimentos; confinar-se em casa – se possível – e passar a seguir protocolos sanitários. Diante dessa realidade, uma parte da população passou a permanecer em sua residência ao longo de grande parte do dia, entrando em contato com ininterruptas demandas domésticas, cujo gerenciamento foi muito mais uma responsabilidade das mulheres em comparação aos homens, o que significou a intensificação das hierarquias de gênero no contexto social brasileiro da pandemia (Birman, 2020). Convergindo com essa constatação, Barroso e Gama (2020) também propõem que,

no contexto de pandemia, o aumento exponencial da demanda por cuidado tem o poder de aprofundar desigualdades de gênero já alarmantes no Brasil, já que é sobre as mulheres que o cuidado com os idosos, com as crianças e com os doentes tende a recair. (p. 89)

-
- 5 Este trabalho foi produzido a partir do Projeto de Pesquisa “Maternidades: narrativas de mulheres que são mães em tempos de pandemia e isolamento social”, coordenado por Milena da Rosa Silva e Andrea Gabriela Ferrari, ambas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Porto Alegre - Brasil. Tem como objetivo refletir sobre parentalidade e maternidade a partir de narrativas de mulheres que são mães em contexto pandêmico. O projeto foi aprovado pela Universidade em 18/05/2020 e está vigente até 31/12/2023. Foi aprovado pelo Comitê de Ética do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Recebemos 342 relatos, que compõem o banco de dados do projeto.
- 6 Entre dezembro de 2019 e janeiro de 2020, foi identificado, na China, um novo agente etiológico de um surto de síndromes respiratórias, o novo coronavírus: *Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus 2 (SARS-COV-2)* (Gorbalenya et al., 2020; Zhou et al., 2020). A enfermidade por ele causada passou a ser nomeada de Coronavirus Disease 19 (COVID-19) (World Health Organization [WHO], 2020). Em 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou que a contaminação de COVID-19 atingiu estado de pandemia (Assessoria de Comunicação da Secretaria Executiva do Sistema Universidade Aberta do Sistema Único de Saúde [Ascom SE/UNA-SUS], 2020).

Nesse cenário, a observação, já sinalizada por Copatti et al. (no prelo), da profusão de relatos de mães em redes sociais sobre os desafios de estar integralmente em casa com o(s)/a(s) filho(s)/filha(s), sem poder contar com apoios externos, mobilizaram o Núcleo de Estudos em Psicanálise e Infâncias da Universidade Federal do Rio Grande do Sul a criar o projeto “Maternidades: narrativas de mulheres que são mães em tempos de pandemia e isolamento social”⁷ (Silva & Ferrari, 2020). Entre junho e julho de 2020, a pergunta “como tem sido ser mulher e mãe em tempos de pandemia?”⁸ foi disponibilizada virtualmente em algumas redes sociais (Facebook, Instagram e WhatsApp) no formato de formulário Google, junto de uma breve explicação sobre o projeto. O convite feito às participantes, através dessa única pergunta, era de que respondessem como se escrevessem em um diário, sem limite de caracteres.

Optou-se também por não coletar nenhum outro dado específico das respondentes a fim de permitir uma escrita mais imediata e evitar colocar a pesquisa como mais uma exigência de tempo e esforço às participantes. O contraponto dessa decisão foi não ser possível relacionar os relatos a algumas características importantes dessas mulheres que são mães, tais quais questões de classe, raça, identidade de gênero e orientação sexual – afinal, esses dados não foram coletados.

Assinalada essa limitação, nas respostas recebidas destacaram-se referências a mudanças na rotina, à necessidade de conciliar afazeres domésticos, trabalho remoto e cuidado do(s)/da(s) filho(s)/filha(s), entre outros pontos já discutidos em trabalhos anteriores, como no de Copatti et al. (no prelo). Para além desses aspectos literalmente mencionados pelas participantes, diversas dessas questões pareciam manifestar, ainda que de forma aparentemente menos explícita, uma forte relação dessas mulheres que são mães com o desamparo.

7 Essa pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, CAAE número 32369420.8.0000.5334.

8 Antes de responderem a pergunta, todas as participantes assinaram um Termo de Compromisso Livre e Esclarecido.

Essa temática está presente na psicanálise desde sua origem (Pasos et al., 2018) e voltou a ser bastante debatida durante a pandemia. Não por acaso, Diniz (2020) propõe que “nunca a economia falou tanto sobre desamparo quanto agora” (para. 22). Em razão desses fatores, o objetivo do presente trabalho é discutir a questão do desamparo a partir dos relatos de mulheres que são mães no contexto de distanciamento social provocado pela pandemia de COVID-19.

Metodologia

Como nos aponta Freud (2017/1912), desde o início da psicanálise, a técnica psicanalítica consiste em procurar atender-se equitativamente ao material apresentado. Aqui, mesmo que o autor estivesse se referindo à prática da atenção flutuante no processo de escuta clínica, acreditamos que ele preconiza um método de trabalho que buscamos sustentar e transpor para a leitura dos relatos, pois entendemos que conteúdos aparentemente mais discretos nesses materiais são tão importantes quanto os mais evidentes.

Portanto, a primeira etapa desse trabalho foi a leitura de todas as respostas coletadas pelo estudo maior, tendo a atenção flutuante como diretriz e considerando que entendemos ser possível “trabalhar a partir da escuta psicanalítica de depoimentos e entrevistas, colhidos em função do tema do pesquisador que, por sua vez, reconstrói sua questão nessa relação” (Rosa, 2004, p. 342). Assim, após nosso encontro com esse material, antecedido pelo trabalho de Copatti et al. (no prelo) e marcado pelo contato com algumas produções psicanalíticas sobre desamparo no momento pandêmico, identificamos como nova questão possível a alusão aparentemente menos evidente das participantes à temática do desamparo. Apostamos que esse conceito, articulado com os relatos, merecia ser desenvolvido, advertidas de que tal proposta não deixa de ser uma interpretação em potencial das respostas.

Com relação à verdade da interpretação, ela é sempre relativa ao processo que a produziu e este processo — como qualquer estra-

tégia — é irrepetível e singular (...) pode haver outra interpretação igualmente verdadeira, e uma pode ser mais útil do que a outra, dependendo do contexto, e do uso, que se venha a fazer dela. De qualquer modo, a verdade de uma interpretação não pode ser tomada como definitiva, mas sempre provisória. Nem como totalizante, pois é sempre uma verdade parcial, uma perspectiva selecionada do seu objeto. (Figueiredo & Minerbo, 2006, pp. 274-275).

A segunda etapa foi realizar uma revisão narrativa de literatura (Hohendorff, 2014; Rother, 2007) a fim de buscar subsídios teóricos para a discussão do desamparo no contexto da pandemia de COVID-19. Por fim, a terceira etapa foi voltar aos relatos, já à luz da literatura, e selecionar trechos que ilustram a questão do desamparo. Nesse empenho, apresentaremos, agora, tais fragmentos em articulação com algumas considerações advindas da revisão teórica.

Resultados e Discussão

Em resposta à pergunta “como tem sido ser mulher e mãe em tempos de pandemia?”, lançada nas redes sociais entre junho e julho de 2020, recebemos 342 relatos. As participantes, mulheres que são mães, compartilharam desde apenas uma palavra – como cansativo, exaustivo, difícil, desafiador, complicado, solitário – até relatos de mais de uma página. Contudo, não houve apenas diferenças entre o tamanho deles; às vezes, uma mesma escrita continha afetos muito contrastantes. Em inúmeras respostas, uma das menções em comum era o fator mudança de rotina. Com a pandemia, as participantes indicaram frequentemente a necessidade de conciliar afazeres domésticos, trabalho remoto e cuidado do(s)/da(s) filho(s)/filha(s). Tais questões se sobressaíram em comparação a pontos que poderiam ter sido bastante presentes nesse momento, como doença, luto e contaminação.

Nesse sentido, podemos concordar com Birman (2020) e Barroso e Gama (2020) e pensar que a COVID-19 predominantemente amplificou algumas questões de gênero já conhecidas. Começaríamos por destacar a culpabilização feminina, a queixa das mulheres acerca de

sobrecarga e excesso de demandas, o pouco apoio e participação dos parceiros, quando presentes, no cotidiano doméstico e a desigualdade na divisão das tarefas, entre outros pontos que não são resultantes exclusivamente da situação pandêmica, os quais foram bastante desenvolvidos por Copatti et al. (no prelo). A fim de exemplificar tal percepção, escolhemos um trecho de um relato⁹: “*O mais cruel é que se antes tínhamos algum tempo, nunca foi por sermos iguais aos homens, foi porque contávamos com a escola - outra coisa situada no substantivo feminino*” (trecho do relato 314). Como presente nesse fragmento, a falta de tempo também foi muito evocada. A partir das respostas, a falta de tempo parece ser outra questão que se avolumou durante a pandemia e foi muito atrelada a uma urgência por ser produtiva e dar conta de tudo, o que acreditamos dizer mais do mundo capitalista em que vivemos do que do cenário de COVID-19, como bem desenvolveu Howell (2022) sobre a articulação dos relatos com o discurso capitalista.

Em consonância com esses aspectos, no seguimento do trabalho de leitura dos relatos, passou a nos chamar a atenção a referência das mulheres que são mães a situações que remetem ao estado de desamparo. *Hilflosigkeit*, palavra alemã que Laplanche e Pontalis (1991) traduzem como estado de desamparo e que Rocha (1999) desdobra enquanto uma experiência ou situação de carência, ausência, falta de auxílio, ajuda, recursos, proteção e/ou amparo, de acordo com Rodrigues (2021), foi utilizada pelo autor pela primeira vez no texto “Inibição, sintoma e angústia” (Freud, 2014/1926). Ele propõe que tal estado é inaugurado no nascimento e nítido na infância, “idade caracterizada pelo desamparo motor e psíquico” (Freud, 2014/1926, p. 87), por se tratar, conforme indicam Laplanche e Pontalis (1991), da enorme dependência de alguém para satisfazer suas necessidades. Essa condição do início da vida seria, então, a situação originária do desamparo

uma vivência arquetípica e, enquanto tal, ela se “repete” nas vivências ou em situações posteriores. E, nestas repetições, ela, *nachträglich*, isto é, *só depois*, adquire o sentido de uma experiência originária. Aqui entra em jogo a dialética da *Nachträglichkeit*, ou seja, a dialé-

9 Formataremos em itálico os trechos de relatos evocados.

tica do 'só depois', que é característica da temporalidade psíquica. (Rocha, 1999, p. 336).

Para além de necessidades vitais, o bebê precisa desse alguém, “um outro (ou outros) que dele cuide, continuamente” (Rodrigues, 2021, p. 18), pois dela(s)/dele(s) também depende a constituição psíquica dessa criança. “A psicanálise propõe que o bebê não nasce pronto e que, para ingressar no mundo, precisa de adultos que dele se encarreguem física e subjetivamente” (Ferrari & Silva, 2021, p. 143), os quais, teórica e historicamente, são personificados na mãe e no pai enquanto mulher e homem cisgênero respectivamente. Entretanto, concordamos com Rodrigues (2021) quando ela indica que quem se ocupa das funções constituintes não é/são determinada(s)/determinado(s) nem por gênero, nem por sexo, nem por posição social ou familiar. O importante é que essa(s) adulta(s)/esse(s) adulto(s) implique(m)-se no cuidado cotidiano com a criança, necessariamente colocando seu(s) desejo(s) em cena, para, conseqüentemente, operar em direção ao processo constitutivo desse sujeito (Ferrari & Silva, 2021).

Cabe assinalar, contudo, que ainda que acreditemos e apostemos na possibilidade de haver pluralidade na corporificação de quem cuida do bebê, as teorizações psicanalíticas sobre desamparo costumam relacionar o conceito à mãe. “Dependência do bebê humano com relação à mãe” (Laplanche & Pontalis, 1991, p. 112); “desamparo é marcado desde o nascimento, porém, revivido em momentos de privação e separação da mãe” (Passos et al., 2018, p. 529), entre outras postulações. Entendemos que essa grande referência à mãe existe e segue atual por ainda haver um enorme protagonismo das mulheres que são mães no cuidado com o(s)/a(s) filho(s)/filha(s), como vemos no presente escrito. Todavia, o foco das considerações teóricas deveria ser, não acerca de quem, mas sim acerca da evidente importância da existência, da relação e do auxílio da alteridade no desamparo e na constituição humana.

Ainda atrelada a essa questão, outro aspecto mencionado por Passos et al. (2018) é a angústia da criança frente às necessidades que precisam ser satisfeitas por esse(s) outro(s). Segundo Freud (2014/1926), a angústia é um produto do desamparo psíquico e biológico do bebê

e a reação a uma situação de perigo, a qual também é de desamparo. Portanto, “o estado de desamparo estaria ligado a uma real possibilidade de perigo” (Passos et al., 2018, p. 529). Nesse sentido, Laplanche e Pontalis (1991) propõem que, na vida adulta, tal estado é protótipo de situações traumáticas geradoras de angústia. Tendo em vista essa questão, bem como os demais pontos abordados, Rocha (1999) e Passos et al. (2018) caracterizam o desamparo como fundamental enquanto fundante da subjetividade, estruturante e constitutivo do sujeito.

Poderíamos dizer, então, que o desamparo parece estar intimamente relacionado a situações de angústia e de perigo, bem como é um estado extremamente basal e primordial, que se dá no início de nossas vidas e se refere a nossa necessidade orgânica e psíquica de uma/um ou mais adultos/os importantes para constituirmos nossa subjetividade e nos entendemos como sujeitos. Por isso, nesses tempos pandêmicos – que compreenderíamos como angustiantes e associáveis ao perigo –, quando as mulheres que são mães relatam “*Tenho sentido falta de receber colo*” (trecho do relato 22), “*Parece que todos precisam e querem cuidado mas falta quem cuide de mim*” (trecho do relato 62) e “*A sensação é de que estamos sempre cuidando: da casa, dos filhos, dos idosos. E pouco somos cuidadas*” (trecho do relato 305), elas também estão falando de desamparo.

Posto que a pandemia evidenciou cruelmente a necessidade de cuidado para existir e persistir (Diniz, 2020, 6 de abril), as necessidades elementares de cuidado dessas mulheres que são mães – tal qual o colo mencionado por uma delas – parecem estar afloradas. Entretanto, não estão sendo percebidas como olhadas nem assistidas de uma forma que remeta a como já foram um dia: já foram uma enorme prioridade de quem as cuidava e, nesse momento, são contestadas por não estarem sendo levadas em consideração por ninguém, o que remete ao estado de desamparo do início da vida. Como disse esta mulher que é mãe, “*Sinto que ninguém nota o esforço e cansaço da maternidade!*” (trecho do relato 108).

Vale assinalar que não é esperado que uma/um adulta/adulto precise da mesma atenção a determinadas necessidades quando em comparação a uma criança. Todavia, ao passo que as mulheres que são

mães verbalizaram em seus relatos uma falta de cuidado para/com elas, mostra-se relevante colocar em questão o abismo entre ter um dia sido constantemente mais olhada e assistida em um cenário de vulnerabilidade como os primeiros momentos de vida e, recentemente, não estar recebendo algum nível notório de cuidado em um momento mundial caótico como a pandemia, em que muito se exige delas.

Nessa discrepância, entendemos que o desamparo também se apresenta por meio da referência à solidão, apontando para impossibilidade e/ou falta de com quem ou com o que contar. Nesse sentido, Rocha (1999) coloca que é

difícil imaginar uma forma de solidão maior e mais dolorosa do que aquela do desamparado (...) a essência do desamparo é a solidão e o sentimento de impotência, constituídos pela impossibilidade do sujeito de encontrar sozinho uma saída para a situação em que se encontra (...) o desamparo (...) é um grito desesperado de ajuda lançado na direção do outro. Quando o grito fica sem resposta, o desamparo torna-se desespero. (p. 342)

Como uma das participantes escreveu, *“Já vivemos uma espécie de solidão em alguns aspectos da maternidade e o isolamento social vem reforçar, potencializar essa solidão”* (trecho do relato 340). No caso dessa mulher que é mãe, e de várias outras que participaram da pesquisa, a intensificação da solidão foi atrelada à necessidade, mas também à possibilidade de ficar em casa. O distanciamento social foi uma medida de biossegurança alcançável, especialmente, para a classe média – e, acrescentaríamos, alta e branca – brasileira, enquanto uma enorme parcela da população não teve essa opção (Barros & Oliveira, 2020). Foi um “privilegio aos que podem ‘se dar ao luxo’ de não sair e, ao mesmo tempo, é reconhecidamente exaustivo em termos emocionais quando não parece haver outra forma de evitar a propagação do vírus” (Oliveira, 2020, pp. 155-56). Portanto, ainda que a permanência em casa tenha sido possível, desigual e tristemente, apenas para alguns sujeitos, essa e outras “medidas de contenção e difusão do vírus realocaram perspectivas de solidão e distanciamento, consequentemente (...) as redes de apoio às mulheres começam a se restringir como forma de não propagação viral” (A. Silva, 2021, p. 45).

Tal questão apareceu em relatos de diferentes mulheres que são mães. Entre elas, as que moram com seu(s)/sua(s) filho(s)/filha(s) sem os pais dele(s)/dela(s): *“Difícil e solitário. Meus filhos só viram o pai uma única vez desde que a quarentena começou . . . O pai . . . não teve direito de parar de trabalhar e, por isso, considerando os riscos, resolvemos suspender nosso acordo de guarda compartilhada . . . eu tenho que dar conta do meu trabalho de forma remota, com as crianças em casa demandando atenção a cuidados. E parece que esses cuidados nunca são reconhecidos – fazer comida, arrumar a casa, mandar tomar banho – além de ler, brincar, conversar, orientar. O pai não pergunta nada sobre eles. Fala com eles, de vez em quando, pelo WhatsApp e só . . .”* (trecho do relato 182).

Nesses casos, as mulheres que são mães deixaram de contar com um compartilhamento de cuidado e responsabilidade, que, em tese, foi justificado pelo distanciamento social. Além disso, passaram a ter mais demandas que, novamente, não foram olhadas nem assistidas. Nesse sentido, já estaríamos falando de um cenário que remete ao desamparo, ainda que decorrente da tentativa de menor exposição ao vírus, contudo, no caso dessa participante, ainda parece haver como agravante a percepção de uma desconsideração em relação aos filhos e a ela, a pessoa que está se en(sobre)carregando deles. Entendemos que o pai não perguntar sobre eles intensifica ainda mais essa situação de desamparo.

Nessa direção, para além dos registros das mulheres que são mães sobre falta ou restrição de acesso à rede de apoio paterna, destacá-riamos as menções a outras pessoas e/ou lugares com os quais elas deixaram de contar. *“Antes contávamos com uma faxineira 2x por semana . . . Também contávamos em 3 manhãs x semana com uma babá para nossa filha, que ia à tarde para a escola. Essa rede de apoio foi perdida, ou significativamente reduzida . . . Embora eu e meu marido façamos uma divisão, esta geralmente é desigual e tende a pesar mais para o lado das mulheres. Isso faz com que eu me sinta bastante esgotada . . . Foi assim também com os avós. Ficamos algum tempo sem vê-los . . .”* (trecho do relato 305).

Em relatos como esse, os efeitos do distanciamento social decorrente da pandemia ficam ainda mais nítidos, pelo menos para uma parcela da população que contava com uma rede de apoio composta por faxineira, babá, cuidadora, escola, creche e/ou avós. Supomos que essas

mulheres que são mães, que tinham a possibilidade de delegar a outras mulheres o cuidado com a casa e com o(s)/a(s) filho(s)/filha(s), são, principalmente, brancas e de classe média ou alta (Barros & Oliveira, 2020). No Brasil, os trabalhos de cuidar e atender às necessidades das crianças, idosos ou doentes, bem como de organizar e limpar a casa, “em famílias de classe alta e de classe média seguem sendo realizados majoritariamente por empregadas domésticas negras, ao passo que, na classe proletária, ele é produzido principalmente por mulheres (das mais variadas raças)” (Guimarães & Daou, 2021, p. 122).

Ainda que não venhamos a desenvolver essas questões de raça e classe, acreditamos ser muito importante pontuá-las e sublinhar que, em articulação a elas, “evidencia-se a associação do cuidado interpessoal com o sexo feminino e seu lugar social e a prevalência majoritária das mulheres nessas atividades” (Barros & Oliveira, 2020, p. 129). Ou seja, em razão da pandemia e da tentativa de evitar contágio viral, muitas participantes deixaram de contar com preciosas redes de apoio formadas basicamente por outras mulheres, o que era um elo fundamental de sobrevivência (Diniz, 2020; Insfran & Muniz, 2020).

Ainda sobre essa rede, Barroso e Gama (2020); Guimarães e Daou (2021); Silva, Cardoso, et al. (2020) também apontam que o fechamento das creches e escolas afetou principalmente as mulheres que são mães, sobrecarregando-as. Entendemos que tais lugares lhes permitiam ter um tempo de se reabastecer, inclusive para seguir cuidando de seu(s)/sua(s) filho(s)/filha(s); entretanto, com a pandemia, a interdição de acesso a esses espaços parece ter agravado o esgotamento dessas mulheres que são mães, o que nos permite pensar e problematizar de forma mais evidente o lugar desses sujeitos na sociedade e na psicanálise. Silva, Cardoso, et al. (2020) corroboram com essa questão ao pontuarem que “mães que necessitavam desse ambiente como respaldo para conseguirem manter sua rotina de trabalho, encontraram-se sem alternativa, pois a grande maioria não podia contar com a flexibilidade dos horários no trabalho ou com os avós” (p. 153). De acordo com Barroso e Gama (2020), as avós também passaram a não poder estar presentes como antes, devido ao quadro mais severo que o vírus tende a apresentar nos mais velhos, um dos grupos de risco.

Portanto, mais uma vez, estamos falando de consequências da pandemia que acarretaram às mulheres que são mães se encontrarem intensamente sozinhas, sem ajuda e sem recursos. Essas circunstâncias parecem se estabelecer enquanto “situações de desamparo com as quais necessariamente o homem se confronta no decorrer da existência” (Rocha, 1999, p. 336). Porém, aqui, com um forte recorte de gênero - parafraseando a frase recém mencionada: que “necessariamente a mulher se confronta” - e diante de um cenário mundial específico, que agrava as situações vividas por elas.

Gostaríamos de evidenciar, ainda, outros dois relatos de participantes que destacaram entrelaçamentos entre distanciamento social, solidão e impossibilidade e/ou falta de com quem ou com o que contar. Primeiramente, representando narrativas de mulheres que são mães solo: “. . . não tenho família nem rede de apoio, toda a casa e cuidados do meu filho sempre foram minha responsabilidade, mas agora sem um alívio sequer, sem um passeio no parque, cinema, nada. É 24/7 a preocupação de dar conta de tudo e tentar não deixar a criança sentir demais o peso da situação” (trecho do relato 183).

Mães solo são as mulheres que são as únicas ou principais responsáveis pela criança. Elas, que já viviam uma rotina muitas vezes de tripla jornada para dar conta da criação dos filhos, do trabalho e da casa, estão em uma situação de ainda mais vulnerabilidade devido à crise de saúde que assola o país e impõe o isolamento social como medida para tentar evitar a propagação da covid-19. (V. Silva, 2020, para. 2).

Apesar de não sabermos mais informações sobre a mulher que é mãe que escreveu o relato 183, ele retrata um pouco sobre uma das mais de 28 milhões de mulheres chefes de família no Brasil, das quais a maioria é negra (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], 2015). Elas, com o distanciamento social, “por possuírem o lugar de provedoras financeiras e provedoras de cuidado, encontram-se num lugar de maior desgaste” (Silva, Cardoso, et al., 2020, p. 158) e, acrescentaríamos, de demasiado desamparo. O que nos evoca, especialmente quando pensamos nelas, a pergunta de Guimarães e

Daou (2021) “quem cuida dessas mulheres tão ocupadas com outras demandas e com o cuidado dos outros?” (p.128).

Sublinhamos, ainda, os casos de mulheres que são mães que estavam grávidas. *“A pandemia tem interferido em momentos simples, como a realização da ecografia. Gostaria muito de ter a companhia do pai do meu filho nesse momento, para que ele pudesse ver o desenvolvimento do nosso bebê. Porém, não está sendo permitida a entrada do pai na sala de exames, isso me deixa bem chateada. Tenho visto muitas mães relatando na internet que não está sendo permitida a entrada de um acompanhante no parto. Isso, em situações normais, é considerado violência obstétrica. É impossível não ficar triste só de imaginar que o pai não poderá assistir o nascimento do seu filho, a mãe ficará sozinha em um momento tão importante, mas também de insegurança e dor. Nem visitas têm sido autorizadas em alguns hospitais, nem mesmo do pai”* (trecho do relato 57).

Referente a esse trecho do relato 57, evocamos o trabalho de Rodrigues (2021) sobre maternidade e desamparo no contexto hospitalar durante a pandemia. A autora indica que, apesar das medidas de contenção do vírus terem sido necessárias em diversos hospitais, as gestantes e puérperas tiveram consequências importantes ao não poderem recorrer nem ser acolhidas por uma presença familiar nesse processo tão intenso e demandante como a gestação e o puerpério. Nesses casos, Rodrigues (2021) propõe que poderíamos considerar “uma soma de desamparos” (p. 24), pois, entre outros motivos, estaria em curso essa falta de amparo do/da acompanhante à mãe que refletiria “não só na sua própria experiência, como na do bebê” (Rodrigues, 2021, p. 20).

Cabe pontuar que diferentes autores, como Winnicott (1988/2020) e Mota (2013), já abordavam o puerpério como um momento fortemente marcado pelo desamparo. Segundo Winnicott (2020/1988), quem cuida de um bebê se encontraria tão desamparado “em relação ao desamparo do bebê quanto o bebê o é” (p. 91). Entende-se que “o cuidador, identificado com o bebê, experimenta novamente a angústia do desamparo primordial, necessitando de um ‘outro ao lado’” (Rodrigues, 2021, p. 20) a quem possa recorrer. Nesse sentido, sem pandemia, já era proposto que o processo de tornar-se mulher e mãe

envolvia uma colisão entre, pelo menos, o desamparo do bebê e a reedição de seu próprio desamparo. Com a pandemia, acrescenta-se ainda o cenário global fortemente marcado por situações de desamparo.

Em razão desse agravante, mesmo nos casos das mulheres que são mães que não sabemos se estavam no puerpério, mas que temos ciência de que não moravam com os pais de seu(s)/sua(s) filho(s)/filha(s) ou que deixaram de contar com uma rede de apoio ou que são mães solo – como nos trechos dos relatos 340, 182, 305 e 183 –, propomos que suas declarações de impossibilidade e/ou falta de com quem ou com o que contar também são da ordem de uma reedição do desamparo. Ainda que concordemos com Prata (2016) quando ela indica que os meios com que cada mulher irá lidar com esse estado são singulares, sublinhamos que uma maneira de poder experienciá-lo de forma mais amena parece ser, assim como sugere Mota (2013), contando com uma base de apoio suficientemente boa, a qual, no distanciamento social decorrente da pandemia, foi praticamente impossível ou inacessível. Como indicado em diversas respostas, “É muito difícil cuidar de um bebê e da casa sem rede de apoio. Quero dizer, eu tenho rede de *apoio mas não posso usar para não colocar eles em risco*” (trecho do relato 174).

Tendo em vista, até aqui, as aproximações do conceito de desamparo com os relatos das mulheres que são mães, ousaremos, agora, tensionar se não haveria um desdobramento ainda mais preciso para a análise que estamos compondo. No contexto social brasileiro, Birman (2020) usou-se de outra chave de leitura para nos situar no momento pandêmico e político nacional. Ele destacou que os brasileiros não estariam podendo contar com instâncias de proteção pública confiáveis e que, por isso, nos inscreveríamos “no registro psíquico do desalento. Com efeito, sem saber com quem contar para lhe proteger, o sujeito se sente ao acaso e ao indeterminado” (Birman, 2020, p. 136).

Segundo o autor, em nosso país, não estaríamos lidando com situações de desamparo psíquico, pois, nessa condição, ainda acreditaríamos que poderíamos “contar efetivamente com o Outro, confiar no governante como instância (real e psíquica)” (p. 136), apelar para a proteção das instâncias alteritárias e ter nossas angústias apazigua-

das com “contornos palpáveis e tangíveis” (Birman, 2020, p. 136). No Brasil pandêmico, estaríamos, na verdade, falando de desalento. Nessa perspectiva, Diniz (2020) acrescenta que “quando o Estado não protege e nos abandona, é aí que a pandemia tem gênero, porque o cuidado cabe às mulheres” (s.p.).

Logo, no caso das mulheres que são mães, pudemos perceber a reverberação da sensação nacional de se sentir ao acaso e ao indeterminado e com angústias sem contorno, em fragmentos como “. . . começo a pensar que o vírus não deve ser tão terrível assim, enfrentar o vírus ou sofrer de adoecimento psíquico em casa, o que pesa mais na balança? Será que alguém olha para as crianças? Para os pais? Acho que agora entrei em uma fase mais pessimista, e a desesperança parece querer tomar conta...” (trecho do relato 313). Bem como, “Sinceramente não sei quanto tempo mais aguento nessa rotina, sinto que está mais pesado a cada semana, e não vejo uma luz no fim do túnel . . .” (trecho do relato 248).

Em cenários psíquicos como esse, de desalento, Birman (2020) também afirma que o que está em pauta para o sujeito é o terror de morte, que se relaciona com questões que referimos não terem se sobressaído nas respostas – como doença, luto e contaminação –, mas que evidentemente apareceram em algumas, tal qual “Conforme o tempo foi passando e percebemos que a situação da pandemia só aumentava, começou a bater o desespero. Não consigo mais organizar meus pensamentos, me culpo por não conseguir dar tanta atenção a nossa filha mais velha, tenho medo de morrer, tenho sonhos horríveis . . .” (trecho do relato 272). Esse tipo de experiência retratada parece ter sido assim narrada, pois, entre outras hipóteses, o sujeito não estaria podendo contar efetivamente com ninguém, nem apelar para a proteção das instâncias alteritárias e, assim, de acordo com Birman (2020), não saberia como se defender do imperativo mortal que lhe acossa, de forma que o terror de morte entrou em pauta. Uma reação que se impôs em larga escala no psiquismo dos sujeitos e que reativa intensamente o estado de desamparo (Birman, 2020).

Tendo em vista esse cenário, podemos dizer que o Estado brasileiro, entre tantos descasos com a população, não teve um necessário olhar às mulheres nas ações responsivas às consequências da pandemia (Vieira et al., 2022). Um olhar que deveria considerar também os

desdobramentos de classe e de raça e que precisaria ter sido determinante nas políticas de enfrentamento à COVID-19 (Barros & Oliveira, 2020). Muito pelo contrário, estivemos e estamos extremamente distantes de recomendações – como as propostas pela Organização das Nações Unidas Mulheres (ONU Mulheres, 2020) – de resposta à crise de “agravos enfrentados pelas mulheres no cotidiano da pandemia” (Barros & Oliveira, 2020, p. 136). Dentre esses agravos, mais uma vez, salientamos fazer parte o desamparo.

Considerações finais

A partir dos desdobramentos produzidos em articulação com os trechos dos relatos escolhidos, sublinhamos a importância de ter apostado em um encontro atento com as mais de 340 respostas colhidas. Entre outras valências, esse processo nos fez refletir sobre as narrativas de mulheres que são mães, a pandemia de COVID-19 e os conceitos de desamparo e desalento.

Entendemos que trabalhar com o estado de desamparo foi valioso, na medida em que conseguimos salientar que ele ainda é enormemente referenciado às mulheres que são mães. Bem como pudemos apontar que, nesse momento pandêmico e político nacional, essas protagonistas se depararam com uma soma de desamparos agravada e interpretável como desalento. Nesse sentido, concordamos com Copatti et al. (no prelo), quando elas indicam que “a pandemia, e o decorrente isolamento social, parecem ter colocado uma lente de aumento sobre as angústias das mulheres/mães, evidenciando sentimentos e sofrimentos sempre presentes” (p. 22). Não apenas questões com forte recorte de gênero foram amplificadas, como também a relação das mulheres que são mães com o desamparo e/ou desalento, a qual não deixa de ser enormemente marcada pelo gênero.

Além disso, compreendemos que abordar e articular especificamente o conceito de desalento no momento pandêmico é bastante pertinente, posto que ele permite sinalizar e tentar entender a especificidade do contexto brasileiro frente à pandemia de COVID-19. Ade-

mais, ele evidencia a desconsideração de questões de gênero, por parte do Estado, nas respostas à pandemia.

Em razão dessas ponderações, foi possível fundamentar a relevância de cuidar, olhar e assistir as necessidades das mulheres que são mães, as quais deveriam rotineiramente ter com quem ou com o que contar. Tendo em vista que uma rede de apoio suficientemente boa pode ser uma maneira de redimensionar contestações de falta de cuidado para/com elas e o estado de desamparo enquanto sinônimo de solidão.

Por fim, salientamos que o contexto pandêmico se apresentou de formas diferentes até mesmo entre as mulheres que são mães, a depender de classe, raça, identidade de gênero, orientação sexual, entre outros aspectos singulares de suas subjetividades. Nesse sentido, corrobora-se a importância da dedicação e investimento em pensar e conhecer a realidade desses sujeitos. Especialmente, se considerarmos que a pandemia ainda não acabou e que suas reverberações não têm perspectivas de cessar.

Referências

- Assessoria de Comunicação da Secretaria Executiva do Sistema Universidade Aberta do Sistema Único de Saúde. (2020, 11 de março). Organização Mundial de Saúde declara pandemia do novo Coronavírus. *Sistema Universidade Aberta do SUS*. [https://www.unasus.gov.br/noticia/organizacao-mundial-de-saude-declara-pandemia-de-coronavirus#:~:text=Organiza%C3%A7%C3%A3o%20Mundial%20de%20Sa%C3%BAde%20declara%20pandemia%20do%20novo%20Coronav%C3%ADrus,-Mudan%C3%A7a%20de%20classifica%C3%A7%C3%A3o&text=Tedros%20Adhanom%2C%20diretor%20geral%20da,Sars%2DCov%2D2\)](https://www.unasus.gov.br/noticia/organizacao-mundial-de-saude-declara-pandemia-de-coronavirus#:~:text=Organiza%C3%A7%C3%A3o%20Mundial%20de%20Sa%C3%BAde%20declara%20pandemia%20do%20novo%20Coronav%C3%ADrus,-Mudan%C3%A7a%20de%20classifica%C3%A7%C3%A3o&text=Tedros%20Adhanom%2C%20diretor%20geral%20da,Sars%2DCov%2D2))
- Barros, V. da S., & Oliveira, R. C. de. (2020). Desigualdades de gênero e espaço doméstico: o isolamento social e seus impactos no cotidiano das mulheres em tempos de Covid-19. *Almanaque Multidisciplinar de Pesquisa*, 7(2), 123-142. <http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/amp/article/view/6746>

- Barroso, H. C., & Gama, M. S. B. (2020). A crise tem rosto de mulher: como as desigualdades de gênero particularizam os efeitos da pandemia do COVID-19 para as mulheres no Brasil. *Revista do CEAM*, 6(1), 84-94. <https://doi.org/10.5281/zenodo.3953300>
- Birman, J. (2020). *O trauma na pandemia do Coronavírus: suas dimensões políticas, sociais, econômicas, ecológicas, culturais, éticas e científicas*. José Olympio.
- Copatti, A. L., Hoewell, A. G., Ferrari, A. G. & Silva, M. da R. (no prelo). Relatos da pandemia: ser mulher e mãe em tempos de Covid e isolamento social. *Psicologia: Ciência e Profissão*.
- Diniz, D. (2020, 6 de abril). Mundo pós-pandemia terá valores feministas no vocabulário comum, diz antropóloga Debora Diniz. Entrevistada por Ú. Passos. *Folha de S.Paulo*. <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioe-saude/2020/04/mundo-pos-pandemia-tera-valores-feministas-no-vocabulario-comum-diz-antropologa-debora-diniz.shtml>
- Ferrari, A. G. & Silva, M. da R. (2021). Indagações contranormativas sobre os usos dos conceitos de “função materna”, “função paterna” e maternagem. In J. Stona (Org.), *Relações de gênero e escutas clínicas* (pp. 141-158). Devires.
- Figueiredo, L. C., & Minerbo, M. (2006). Pesquisa em psicanálise: algumas idéias e um exemplo. *Jornal de Psicanálise*, 39(70), 257-278. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352006000100017&lng=pt&tlng=pt
- Freud, S. (2014/1926). Inibição, sintoma e angústia. In *Sigmund Freud Obras Completas* (Vol. 17, pp. 9-98). Companhia das Letras.
- Freud, S. (2017/1912). Recomendações ao médico para o tratamento psicanalítico. In *Obras Incompletas de Sigmund Freud* (Vol. 6, pp. 93-106). Autêntica.
- Gorbalenya, A. E., Baker, S. C., Baric, R. S., Groot, R. J. de, Drosten, C., Gulyaeva, A. A., Haagmans, B. L., Lauber, C., Leontovich, A. M., Neuman, B. W., Penzar, D., Perlman, S., Poon, L. L. M., Samborskiy, D., Sidorov, I. A., Sola, I., & Ziebuhr, J. (2020). The Species Severe Acute Respiratory Syndrome-related Coronavirus: Classifying 2019-nCoV and Naming it SARS-CoV-2. *Nature Microbiology*, 5, 536-544. <https://doi.org/10.1038/s41564-020-0695-z>
- Guimarães, S. S. M. L., & Daou, S. Z. (2021). Divisão sexual do trabalho, trabalho reprodutivo e as assimetrias de gênero na pandemia da Covid-19. *Direito e Sexualidade*, 2(1), 110-133. <https://doi.org/10.9771/revdirsex.v2i1.42979>
- Hoewell, A. G. (2022). *Maternidade e trabalho: efeitos dos discursos sociais sobre sujeitos que se nomeiam mulheres, mães e profissionais, considerando a pandemia* [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul]. Repositorio Digital UFRGS. <http://hdl.handle.net/10183/250601>
- Hohendorff, J. V. (2014). Como escrever um artigo de revisão de literatura. In S. H. Koller, M. C. P. de Paula Couto, & J. V. Hohendorff (Orgs.), *Manual de Produção Científica* (pp. 39-54). Penso.

- Insfran, F. F. N., & Muniz, A. G. C. R. (2020). Maternagem e Covid-19: desigualdade de gênero sendo reafirmada na pandemia. *Diversitates International Journal*, 12(2), 26-47. <http://emotrab.ufba.br/wp-content/uploads/2020/09/314-769-1-PB.pdf>Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2015). Chefia de família. Retrato das desigualdades de gênero e raça. https://www.ipea.gov.br/retrato/indicadores_chefia_familia.html
- Laplanche, J., & Pontalis, J. B. (1991). Desamparo (Estado de -). In *Vocabulário da psicanálise* (pp. 112-113). Martins Fontes.
- Mota, F. R. (2013). *A vivência do desamparo e a busca de apoio social no contexto da extrema prematuridade* [Trabalho de Conclusão de Especialização, Universidade Federal do Rio Grande do Sul]. Lume - Repositório Digital da UFRGS. <http://hdl.handle.net/10183/71584>
- Oliveira, A. L. de. (2020). A espacialidade aberta e relacional do lar: a arte de conciliar maternidade, trabalho doméstico e remoto na pandemia da COVID-19. *Tamoios*, 16(1), 154-166. <https://doi.org/10.12957/tamoios.2020.50448>
- Organização das Nações Unidas Mulheres. (2020, 17 de março). Gênero e COVID-19 na América Latina e no Caribe: dimensões de gênero na resposta. *ONU Mulheres Brasil*. https://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2020/03/ONU-MULHERES-COVID19_LAC.pdf
- Passos, C. F., Neves, A. S., & Menezes, L. S. de. (2018). Prolegômenos do desamparo na psicanálise. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 21(3), 525-544. <https://doi.org/10.1590/1415-4714.2018v21n3p525.7>
- Prata, A. K. A. V. (2016). *Apoio e sustentação ao desamparo materno: uma escuta psicanalítica*. [Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo]. Repositório PUCSP. <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/19161>
- Rocha, Z. (1999). Desamparo e metapsicologia: para situar o conceito de desamparo no contexto da metapsicologia freudiana. *Síntese: Revista de Filosofia*, 26(86), 331-346. <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/Sintese/article/view/761>
- Rodrigues, A. M. (2021). *Maternidade e desamparo: elaborações a partir de atendimentos a gestantes e a puérperas em internação hospitalar durante a pandemia do COVID 19* [Trabalho de Conclusão de Graduação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul]. <http://hdl.handle.net/10183/236454>
- Rosa, M. D. (2004). A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica. *Mal-Estar e Subjetividade*, 4(2), 329-348. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482004000200008

- Rother, E. T. (2007). Revisão sistemática X revisão narrativa. *Acta Paulista de Enfermagem*, 20(2), v-vi. <https://doi.org/10.1590/S0103-2100200700200001>
- Silva, A. C. O. da. (2021). Mulheres, uma experiência de dores e retrocessos pandêmicos: a difusão do cuidado e da solidão. *Direito e Sexualidade*, 2(2), 28-47. <https://doi.org/10.9771/revdirsex.v2i2.45132>
- Silva, J. M. S., Cardoso, V. C., Abreu, K. E., & Silva, L. S. (2020). A feminização do cuidado e a sobrecarga da mulher-mãe na pandemia. *Feminismos*, 8(3), 149-161. <https://periodicos.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/42114>
- Silva, M. R. & Ferrari, A. G. (2020). *Maternidades: narrativas de mulheres que são mães em tempos de pandemia e isolamento social*. Projeto de Pesquisa. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Silva, V. R. da. (2020, 18 de junho). Um retrato das mães solo na pandemia. *Gênero e Número*. <https://www.generonumero.media/reportagens/um-retrato-das-maes-solo-na-pandemia-2/>
- Vieira, J., Anido, I., & Calife, K. (2022). Mulheres profissionais da saúde e as repercussões da pandemia da Covid-19: é mais difícil para elas? *Saúde Debate*, 46(132), 47-62. <https://doi.org/10.1590/0103-1104202213203>
- Winnicott, D. W. (2020/1988). *Os bebês e suas mães*. Martins Fontes.
- World Health Organization. (2020, 11 de fevereiro). WHO Director-General's Remarks at the Media Briefing on 2019-nCoV on 11 February 2020. *World Health Organization*. <https://www.who.int/director-general/speeches/detail/who-director-general-s-remarks-at-the-media-briefing-on-2019-ncov-on-11-february-2020>
- Zhou, P., Yang, X., Wang, X., Hu, B., Zhang, L., Zhang, W. Si, H., Zhu, Y., Li, B., Huang, C., Chen, H., Chen, J., Luo, Y., Guo, H., Jiang, R., Liu, M., Chen, Y., Shen, X., Wang, X., Zheng, X., . . . Shi, Z. (2020). A Pneumonia Outbreak Associated with a New Coronavirus of Probable Bat Origin. *Nature*, 579, 270-273. <https://doi.org/10.1038/s41586-020-2012-7>